

Sarney não toma partido

Ele não quer desgastar sua autoridade, nem se

As disputas pelas prefeituras das capitais e outros municípios não terão a participação do presidente José Sarney, que comunicou ontem a disposição de não intervir nem mesmo na campanha em São Luís, no seu Estado — o Maranhão —, onde faz carreira política há 31 anos.

Em almoço informal com um grupo de jornalistas ontem, no Palácio da Alvorada, Sarney considerou importante ficar fora da campanha eleitoral deste ano para preservar sua autoridade como Presidente da República e evitar desgastes com os dois partidos da Aliança Democrática que apoiam o seu Governo — PMDB e PFL.

O Presidente previu que, agora no segundo semestre, encontrará mais facilidades para governar do que no primeiro, quando enfrentou dificuldades com a doença e morte do ex-presidente Tancredo Neves. Agora, Sarney espera maior compreensão dos partidos e políticos, enquanto "o País marcha para uma situação cada vez mais tranqüila".

DÍVIDA

Na conversa com os repórteres, Sarney reafirmou a convicção de que o País chegará a um acordo com os banqueiros estrangeiros em torno da dívida externa. Mas descartou a hipótese de ser aceito pelo seu Governo um receituário recessivo do FMI, como aconteceu com a Argentina. Para evitar essa solução, ele conta com o peso do Brasil na economia internacional.

Sarney revelou que dois presidentes da América Latina, o mexicano Miguel de La Madrid e o uruguaio Julio Sanguinetti, o têm procurado insistentemente pelo telefone, para discutir uma posição comum para a dívida externa latino-americana diante dos banqueiros estrangeiros.

Mesmo assim, Sarney não aceita ainda a hipótese de uma união entre os países da América Latina para a negociação conjunta com os banqueiros. De qualquer forma, assegura que o Brasil não vai se envolver, por causa da dívida, na guerra ideológica que divide o mundo entre Leste e Oeste.

ACORDO

Sarney confessou-se satisfeito com o pronunciamento à Nação que fez na última segunda-feira, mas negou a intenção de repeti-lo brevemente. Disse que só volta a falar se houver necessidade. Empolgado com a receptividade do discurso, Sarney acredita que, antes do final do ano, o Governo poderá chegar ao grande acordo nacional com os partidos e outros representantes sociais. Seria um acordo escrito registrando as questões de interesse nacional. Considerou possível esse acordo porque, na sua opinião, a sociedade já se reaproximou do Estado depois da ruptura provocada pelos 21 anos do antigo regime.

Nesse realinhamento, o Congresso Nacional deve conquistar mais prestígio, mas entende o Presidente que a função constitucional das Forças Armadas não pode ser alterada pela Constituinte. Como o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, demonstrou a Sarney, desde 1891 as constituições republicanas mantêm a mesma função militar. "A esse respeito, não há o que inovar", acrescentou Sarney.

Finalmente, confirmou a disposição de levar parlamentares às suas viagens internacionais. Ao Uruguai, no próximo dia 12, deve levar o então presidente em exercício do PMDB, deputado Miguel Arraes (Ulysses Guimarães se afastará do partido para assumir a Presidência da República), e do PDS, senador Amaral Peixoto, entre outros.

na disputa
atritar com os aliados

CORREIO BRASILEIRO

Bate-papo foi descontraído

O menu foi simples como convém aos tempos de austeridade da Nova República. Depois de brindados com vinhos produzidos pela Embrapa, os jornalistas que almoçaram com o Presidente comeram rabada, pirão e arroz. A sobremesa: frutas tropicais. Descontraído, Sarney chegou a oferecer um bolo a um dos jornalistas que comemorava aniversário. Sua mulher, dona Marly, embora não tenha participado do almoço, sentou-se à mesa na hora da homenagem ao aniversariante.

Grande parte do encontro de duas horas serviu para Sarney recordar suas passagens pelo Congresso, onde fez muitos amigos, como o senador Amaral Peixoto, presidente do PDS, que recebeu demorados elogios. Os tempos de UDN e a convi-

vência com Jânio Quadros também não foram esquecidos. O Presidente lembrou que foi convidado pelo ex-presidente para ser embaixador em Cuba. Mas o seu "santinho" que lhe sopra os ouvidos não deixou que ele aceitasse o posto:

— Zê, não vai nessa.

Em quase todas as suas histórias, o Presidente incluiu um personagem: o governador José Aparecido.

Em seguida, revelou que não se sentiu incomodado pela forma como os cartunistas e humoristas o retratam junto à opinião pública. Afinal, como reconheceu, é um tipo que até estimula a criatividade dos humoristas, referindo-se ao bigode que ostenta e à sua condição de acadêmico.